



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

03 DE SETEMBRO
SÃO CONRADO FASHION MALL
RIO DE JANEIRO-RJ

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
JOSÉ SARNEY, POR OCASIÃO DA
ABERTURA DA II FEIRA INTERNACIONAL DO LIVRO

Especialmente convidado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros e pela Câmara Brasileira do Livro para abrir esta II Feira Internacional do Livro, na Cidade do Rio de Janeiro, atendi prontamente a essa convocação.

Duas razões me trouxeram aqui: minha condição de escritor, com a exata consciência do que significa o livro na vida cotidiana, e minha condição de Presidente da República, com a determinação de dar ao livro, em meu governo, o relevo apropriado e superior, como instrumento de ação democrática.

Iniciamos pelo livro didático a revolução do livro em nosso País. O livro deve deixar de ser nas escolas um instrumento perecível de curta duração, restrita ao ano letivo: passar a ser um instrumento perdurável, protegi-

do pela família, passando de uma geração para outra, sem solução de continuidade, para durar e servir, cumprindo a sua missão benemérita de ensinar e iluminar.

Pertencemos a uma geração que viu expandir-se novos instrumentos de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, que pareciam vir suplantar o código escrito em que se apóia o livro para exercer a sua missão de cada instante.

Mas não foi isso que aconteceu. Pelo contrário: nunca se publicaram tantos livros quanto agora. E não somente aqui — também no resto do Mundo. A memória oral, que antecedeu o livro na transmissão do saber e da experiência humana, e ainda hoje o acompanha, sobretudo nas expressões da cultura popular, não bastou ao Homem para a transmissão da Cultura. O livro aceleraria esse processo. As conquistas da informática, em nossos dias, convivem com o livro, e dele não prescindem. Nele cabe o saber mais simples, como a tabuada e a cartilha, e o saber mais sofisticado, como as indagações do Homem sobre o mistério da morte, do amor, dos mundos que nos cercam. Ainda hoje continua válido o verso de Mallarmé: *Tudo existe para terminar no livro.*

Gostaria de lembrar a comunhão entre a cultura oral, na boca do povo, e a cultura escrita, no texto dos criadores literários. Disso é exemplo o que nos conta Garrett no prefácio de seu *Romanceiro*. Diz-nos o grande poeta português que, ao reunir os romances populares portugueses, alguns já esquecidos, valeu-se de uma mulata brasileira, que os sabia de cor, numa das ilhas dos Açores. Podemos imaginar a cena: o alto poeta, à

sua mesa, escrevendo o que lhe ditava a nossa patricia, que não sabia ler e escrever. O saber oral da mulata brasileira transmitiu-se ao livro de Garrett, e pelo livro chegou até nós.

Quer sagrados, quer profanos, os livros realizam a cada momento o milagre da multiplicação da Cultura, e devem contribuir sobretudo para o aprimoramento da condição humana e do convívio social. Estão eles aqui, à nossa volta e à nossa espera. À espera de nossa mão, nossos olhos, nosso ser.

Coloco entre os compromissos fundamentais do meu governo, no plano da Cultura, o firme apoio à correta política do livro. Do livro que tem de chegar ao povo, em edições realmente acessíveis, criando e aprimorando o hábito da leitura. A esta altura de nossa evolução social e política, o livro não pode ser o privilégio de uma minoria, mas o instrumento do saber ao alcance de todos os brasileiros.

Cumpre-nos abrir caminho ao livro. Alargar o seu espaço na indústria privada, de modo que a Cultura venha por muitos caminhos e não só pelo caminho oficial, privativo dos regimes autoritários. O livro é um compromisso democrático. E sobre o seu alicerce temos de erguer a Nova República.

O livro é pão. E, como o pão do Testamento, deve se multiplicar aos milhares, até saciar a sede e a fome dos que têm sede e fome de poesia, de saber, de Cultura...!